

**SOBRE A POSIÇÃO DO SUJEITO EM CONTEXTOS DE
PERGUNTA-RESPOSTA:**

uma análise contrastiva entre o português brasileiro e o português europeu

Cláudia Roberta Tavares Silva*

Resumo: Neste artigo realizo um estudo comparativo entre a gramática do português brasileiro (doravante PB) e a do português europeu (doravante PE) no que diz respeito à ordem dos constituintes, mais especificamente, do sujeito em relação ao verbo em pares pergunta-resposta. Estudos têm assumido que a posição do sujeito em relação ao verbo decorre do fato de a sintaxe estar a serviço de requerimentos de ordem discursiva. Não obstante o objetivo central deste estudo é apresentar contra-evidências à proposta de que a ordem dos constituintes codifica a estrutura informacional. Ademais, os resultados mostram que o comportamento diferenciado da posição do sujeito atestado entre o PB e o PE ganha suporte explicativo no tipo de *output* sintático gerado por cada gramática em particular e não em requerimentos de ordem discursiva.

Palavras-chave: Sujeitos; Outputs; Interface; Português.

Abstract: In this paper I do a comparative study between Brazilian Portuguese Grammar (henceforth BP) and European Portuguese Grammar (henceforth EP) concerning to the word order, more specifically, with respect to the subject order in relation to the verb in question-answer pairs. Researches have assumed that the subject position with respect to the verb comes from the fact of the syntax be conditioned by discursive constraints, but the main goal this study is to show counter-evidences to the proposal of that the word order codifies the informational structure. Furthermore, the results show that the different behaviour of subject position in BP and EP receives explanatory support from the type of syntactic output generated by each grammar in particular but not from discursive constraints.

Keywords: Subjects; Outputs; Interface; Portuguese.

Introdução

Neste artigo desenvolverei um estudo sobre a posição dos sujeitos em contextos de pares pergunta-resposta no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE) construídos com verbos intransitivos e inacusativos, a fim de explicitar em quais deles há semelhanças e divergências, sem perder de vista que os *outputs sintáticos* enviados à estrutura

* Doutora em Lingüística, professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

informativa¹ já fornecem as posições que estão disponíveis para hospedar os sujeitos em ambas as línguas. Para tanto, será assumida, ao longo da análise, a proposta de Costa (2004, p. 7) que provê

[...] evidence for a more autonomous syntactic, not making reference to interface conditions, and argue for an articulated view of the grammar, in which *the interfaces read the outputs of syntax, but do not interfere in syntactic derivations* [grifo meu]

Sendo a análise aqui proposta baseada na interface sintaxe-discurso, em que serão abordados aspectos relativos ao contexto de focalização da pergunta e ao tipo do acento sobre o constituinte mais proeminente nas frases do PB e do PE, farei na próxima seção uma descrição de pares pergunta-resposta², a fim de analisar a distribuição sintática do foco informativo que é identificado na resposta como o constituinte correspondente ao que foi interrogado na pergunta através do elemento WH-, em especial, no que se refere à posição do sujeito.

Conforme será verificado, sendo o sujeito, independentemente de sua definitude, o constituinte focalizado nas perguntas, a posição pré-verbal no PB é a preferida, ao passo que no PE é a posição pós-verbal, uma assimetria que está relacionada ao fato de os *outputs* sintáticos serem distintos nessas línguas, o que implica considerar que não existe opcionalidade na gramática. A ideia adotada aqui segue a análise proposta por Costa e Figueiredo Silva (2003) e Costa (2003, 2004), segundo a qual a gramática do PB gera apenas um *output*: SV, à semelhança do inglês, ao passo que a gramática do PE, dois *outputs*: SV e VS.

Com base nesses *outputs*, a estrutura informativa será satisfeita de modo diferenciado nas duas línguas pós-sintaticamente: no PE, por um lado, sendo os sujeitos focalizados na pergunta, a ordem SV é filtrada pela componente discursiva³ e é selecionada a ordem VS por satisfazer os requerimentos dessa estrutura: sujeitos focalizados, independente do tipo de predicador verbal, devem ocupar a posição mais à direita da frase onde receberão o Acento Nuclear de frase (CINQUE, 1993)⁴; por outro lado, por ser a ordem SV o único

¹ Por estrutura informativa, entenda-se aquela que codifica a distinção entre a informação velha, ou seja, a informação dada (tópico) e a informação nova (foco).

² Para um estudo da correlação pergunta-resposta, cf. Amorin (2001).

³ A componente discursiva aqui é entendida como uma componente pós-sintática da gramática relacionada à estrutura informativa em que se encontram delimitadas as condições relacionadas aos constituintes que tendem a ser tópicos ou focos e à sua posição na frase, bem como ao tipo de acento que recai sobre eles.

⁴ Neste trabalho adoto a seguinte distinção de Costa (1998): a informação nova corresponde ao foco informativo, ao passo que a informação velha, ao tópico.

output gerado em PB, é atribuído como estratégia de último recurso um acento marcado aos sujeitos de diferentes tipos de verbos:

Defendendo, portanto, a autonomia das componentes da gramática, verifico que a estrutura informacional possui condições que identificam os constituintes que são tópicos e os constituintes que são focos. Essas condições correspondem às seguintes tendências a que se refere Costa (1998, p. 149):

- (1) a. Subjects tend to be topics;
- b. Objects tend to be foci;
- c. Definites tend to be topics;
- d. Indefinites tend to be foci.

E ainda:

- (2) a. Focused constituents are rightmost in the sentence;
- b. Focused constituents bear high stress (neutral⁵ or marked)
- c. If there are multiple foci, they appear all the right of the non-foci elements;
- d. If there are multiple foci, the first in a left-to-right fashion bears heavy stress.

(Ibid., p. 204)

Insistindo no fato de a sintaxe ser “cega” às condições discursivas, adoto, portanto, o seguinte ponto de vista de Costa e Figueiredo Silva (2003, p. 4):

[...] we can find tendencies for placing certain constituents with a given discourse function in certain position, but [...] if the syntax of the language does not allow it, it is predicated that the sentences are still felicitous, if the stress is used.

Em geral, para o desenvolvimento da análise aqui proposta, serão levados em conta os seguintes aspectos: a) a ordem de palavras, b) a definitude do DP sujeito, c) os contextos de focalização da pergunta, e d) a entoação no que diz respeito ao tipo de acento atribuído ao constituinte mais proeminente da frase, tomando por base diferentes classes de verbos inacusativos. A ideia é argumentar a favor de uma assimetria que se estabelece no PB e no PE em alguns contextos estruturais monoargumentais em virtude da atuação pós-sintática da componente discursiva.

⁵ Por acento neutro, entenda-se o acento sentencial *default* ou o acento nuclear de frase.

1. Por uma análise contrastiva entre o português brasileiro e o português europeu

Costa (1998), ao analisar os contextos de focalização de toda a frase no PE, ou seja, contextos de foco largo, observa que a única ordem legítima na resposta é SVO⁶, tendo em vista todos os constituintes serem informação nova, permanecendo o objeto em sua posição de base, o qual recebe o Acento Nuclear de frase conforme previsto na análise de Cinque (1993). Nessa acepção, SVO corresponde à ordem não-marcada⁷ nessa língua à semelhança do PB. Observem-se, agora, os seguintes pares pergunta-resposta, sendo o sujeito ora definido, ora indefinido:

(3) A: O que é que aconteceu?

B: a. O João comeu o bolo. (SVO) (OKPE OKPB)

b. Comeu o João o bolo. (VSO) (#PE *PB)

c. Comeu o bolo o João. (VOS) (#PE *PB)

d. O bolo, o João comeu. (OSV) (#PE #PB)

e. O bolo, comeu o João. (OVS) (#PE *PB)

(4) A: O que é que aconteceu?

B: a. Um menino comeu o bolo. (SVO) (OKPE OKPB)

b. Comeu um menino o bolo. (VSO) (#PE *PB)

c. Comeu o bolo um menino. (VOS) (#PE *PB)

d. O bolo, um menino comeu. (OSV) (#PE #PB)

e. O bolo, comeu um menino. (OVS) (#PE *PB)

Agora observem-se os seguintes pares pergunta-resposta construídos com verbos intransitivos, em que toda a frase é focalizada, construídos com o DP sujeito ora definido (cf. (5)), ora indefinido (cf. (6)):

(5) A: O que é que aconteceu?

B: a. O João tossiu. (SV) (OKPE OKPB)

⁶ Para uma conclusão similar, conferir Zubizarreta (1998) para o inglês.

⁷ Ao contrário da ordem marcada, a ordem não-marcada independe da existência de um corte entoacional entre o sujeito e o verbo por não estar submetida a requerimentos de ordem prosódica (cf. AMBAR, 1992) e consiste na ordem legítima a uma pergunta com focalização de toda a frase (cf. COSTA, 1998).

b. Tossiu o João. (VS) (#PE *PB)

(6) A: O que é que aconteceu?

B: a. Um menino tossiu. (SV) (OKPE OKPB)

b. Tossiu um menino. (VS) (#PE *PB)

Conforme acima descrito, a posição legítima para hospedar o sujeito no PB e no PE é a posição pré-verbal, recaindo o Acento Nuclear da frase sobre o verbo que ocupa a posição mais à direita da frase. Em caso de haver um objeto cognato numa construção como: O João correu *a corrida de São Silvestre*, o acento Nuclear de frase recai não sobre o verbo, mas sobre o objeto em *itálico* que, agora, corresponde ao constituinte mais encaixado por ocupar a posição mais à direita da frase.

Um fato que é válido pontuar é que, nos contextos de foco largo, há uma similaridade entre as perguntas construídas com verbos transitivos e intransitivos por ambas exigirem uma resposta com o sujeito pré-verbal seguido imediatamente pelo VP, sendo a ordem SVO requerida pela estrutura informacional pós-sintaticamente em ambas as línguas. Tendo em mente essa similaridade, observe-se, a seguir, o que acontece nos contextos de focalização do sujeito, ou seja, contextos de foco estreito:

(7) A: Quem tossiu?

B: a. Tossiu o João. (VS) (OKPE *PB)

b. O JOÃO tossiu. (SV) (#PE OKPB)

(8) A: Quem tossiu?

B:a. Tossiu um menino. (VS) (OKPE *PB)

b. UM MENINO tossiu. (SV) (#PE OKPB)

Estando o sujeito definido ou indefinido no PB ocupando a posição pós-verbal, as respostas acima são agramaticais, ao contrário do PE cuja ordem VS é selecionada como *output* que satisfaz os requerimentos impostos pela estrutura informacional, ficando o sujeito numa posição que é suscetível para hospedar constituintes focalizados, conforme previsto por essa estrutura. No PB, a única posição legítima é SV, logo, um acento marcado é atribuído ao sujeito na posição pré-verbal para identificá-lo como o foco informacional.

Detendo a atenção a partir de agora nos verbos inacusativos que formam uma classe verbal não-homogênea no PB e no PE (cf. ELISEU, 1984; DUARTE, 2003), farei uma análise descritiva dos pares pergunta-resposta segundo o tipo de verbo inacusativo, adotando a seguinte classificação de Duarte (2003)⁸: a) verbos de movimento, b) verbos de aparição e c) verbos de mudança de estado que denotam eventos com causa interna. Conforme será visto, apresentarei evidências que corroboram o caráter não-homogêneo dessa classe verbal a partir dos pares pergunta-resposta submetidos à análise neste trabalho.

No que concerne aos verbos inacusativos de movimento e de aparição que, ao contrário dos verbos de mudança de estado, selecionam obrigatoriamente um PP como complemento⁹, apresentarei evidências de que a distribuição sintática do sintagma preposicional, quando realizado foneticamente nas respostas, ao que tudo indica, pode servir como diagnóstico para identificar a posição dos sujeitos definidos e indefinidos no domínio intrafrásico ou extrafrásico. Para tanto, observem-se nas próximas subseções o comportamento das seguintes classes de verbos inacusativos.

2.1 Verbos de movimento e de aparição

Vejam-se os seguintes pares pergunta-resposta em que toda a frase está sendo focalizada e o sujeito é ora definido (cf. (9)), ora indefinido (cf. (10)):

(9) A: O que é que aconteceu?

B: a. O João entrou/ apareceu (na reunião). (SV) (OKPE OKPB)

b. Entrou/ Apareceu o João (na reunião). (VS) (#PE *PB)¹¹

c. Entrou/ Apareceu (na reunião) o João. (VS) (OKPE OKPB)

(10) A: O que é que aconteceu?

⁸ Cumpro dizer que nesta seção não centro minha atenção nos verbos existenciais por merecerem um estudo mais aprofundado que extrapola o escopo deste trabalho. Portanto, deixo a investigação dos mesmos para trabalhos futuros.

⁹ Para uma análise do comportamento de verbos de movimento como *ir* e *chegar* no PB e no PE, que subcategorizam obrigatoriamente um sintagma preposicional, confira Farias (2005).

¹⁰ A distinção, portanto, entre verbos de movimento e de aparição, por um lado, e verbos de mudança de estado, por outro, que reside na subcategorização de um PP pelos primeiros tipos de verbos, serve de contra-evidência à hipótese formulada por Belletti (2001, p. 87): “[p]ossibly, all [grifo meu] unaccusatives do in fact select a prepositional argument, which can remain silent.”

¹¹ Em perguntas com focalização do sujeito e do argumento locativo no PE, a resposta legítima é a ordem VSPP:

A: Quem entrou/apareceu onde?

B: Entrou/Apareceu o João na reunião.

- B: a. Um menino entrou/ apareceu (na reunião). (SV) (OKPE OKPB)
b. Entrou/ Apareceu um menino (na reunião). (VS) (OKPE OKPB)
c. Entrou/ Apareceu (na reunião) um menino. (VS) (#PE #PB)

Com base no fato de que verbos de movimento e de aparição requerem um PP como complemento, observo que a realização fonética na frase desse constituinte preposicional parece servir de evidência para uma análise não unificada da posição dos DPs definidos e indefinidos nos contextos de frases focalizadas construídos com esses tipos de verbos.

Os pares pergunta-resposta evidenciam o seguinte: sendo o sujeito definido, duas posições lhe estão disponíveis: ele pode ocupar a posição inicial da frase quando o PP está na posição mais encaixada, ou pode ocupar a posição final quando esse sintagma está a sua esquerda. No primeiro caso, argumento que a ordem SVPP é não-marcada nos contextos de focalização de toda a frase, à semelhança do que acontece nos contextos (in)transitivos em que o sujeito ocupa a posição pré-verbal, o que implica considerar que o sujeito não recebe nenhum tipo de entoação especial e o PP, que se encontra na posição mais encaixada, recebe o Acento Nuclear de frase, como requerido pela estrutura informacional.

Caso o constituinte preposicional não esteja realizado foneticamente, o constituinte proeminente passa a ser o verbo. Contudo, no segundo caso, é uma ordem marcada no PB e no PE, em que o sujeito se encontra deslocado à direita da frase, podendo ser duplicado por um pronome co-referente nulo ou preenchido, tal como nos casos de “falsa inversão” analisados em Kato (1993). Nesses casos, diferentemente do que ocorre com os sujeitos definidos analisados por Costa (1998) na ordem VOS, que não recebem acento marcado, os DPs pós-verbais definidos nos contextos inacusativos analisados exigem a presença de uma entoação especial para que a frase seja gramatical, conforme evidenciado nas *question-tags* de (11b) a (11c):

- (11) a. Entrou/apareceu na reunião o João, não entrou/apareceu? (*PE *PB)
a'. Ele entrou/ apareceu na reunião o João, não entrou/apareceu? (*PE *PB)
b. (Ele) Entrou/ apareceu na reunião O JOÃO não entrou/ apareceu? (OKPE OKPB)
b'. (Ele) entrou/ apareceu na reunião, não entrou/ apareceu?, o João. (OKPE OKPB)
c. (Ele) Entrou/ Apareceu na reunião, não entrou/ apareceu?, O JOÃO. (OKPE OKPB)

No que diz respeito aos sujeitos indefinidos, encontram-se em sua posição de base, sendo uma das evidências a possibilidade de poderem ser seguidos pelo PP complemento quando este estiver realizado foneticamente (ex.: Entrou/ Apareceu um menino na reunião.). No caso de esse PP não estar realizado foneticamente, o constituinte proeminente passa a ser o DP pós-verbal. Ademais, outra evidência é que esses sujeitos resistem ao deslocamento à direita:

- (12)a. (Ele) Entrou/Apareceu (na reunião), não entrou/ apareceu?, um menino.
(??*PE *PB¹²)
- b. (Ele) Entrou/ Apareceu (na reunião), não entrou/ apareceu?, UM MENINO.
(??*PE *PB)

Uma situação também a ser levada em conta diz respeito ao peso do DP. Tanto no PB quanto no PE, os DPs pesados comportam-se de forma similar aos DPs leves nas respostas a perguntas com focalização de toda a frase. Sendo definidos, eles podem ocupar a posição pré-verbal e serem deslocados à direita (cf. (13B(a)) e (13B(b))), respectivamente:

- (13) A: O que é que aconteceu?
B: a. O garoto que foi meu aluno entrou/apareceu na reunião. (OKPE OKPB)
b. (Ele) Entrou na reunião, o garoto que foi meu aluno. (OKPE OKPB)

Conforme será visto mais adiante, nos contextos de focalização do sujeito, são atuantes os efeitos de peso no PB à semelhança do que ocorre nas construções do inglês com o chamado *Heavy NP Shift*, em que o argumento interno do verbo move-se para uma posição à direita da frase, obrigatoriamente, sendo uma das evidências a possibilidade de ele seguir *question-tags*:

- (14) They have found, haven't they?, the treasure buried on that island 100 years ago.

(DEN DIKKEN, 1995 apud COSTA, 1998, p. 131)

¹² A maioria dos falantes do PB por mim consultados considera agramaticais as frases com deslocamento à direita de DPs indefinidos em todos os contextos, independentemente do tipo de predador verbal.

De mais a mais, assumo com Raposo e Uriagereka (1990) que há um *pro* expletivo ocupando a posição de sujeito pré-verbal no PB e no PE quando o DP pós-verbal é indefinido nesses contextos. Contudo, sendo ele definido, há um pronome que lhe é co-referente, uma situação não prevista na análise dos autores supracitados.

Observe-se, agora, o que acontece quando há focalização do sujeito numa pergunta construída com os verbos em análise:

(14) A: Quem entrou/ apareceu na reunião?

B: a. (Na reunião), Entrou/ Apareceu (na reunião) o João. (VS) (OKPE *PB)

b. (Na reunião), O JOÃO entrou/ apareceu. (SV) (#PE OKPB)

(15) A: Quem entrou/ apareceu na reunião?

B: a. (Na reunião), Entrou/ Apareceu (na reunião) um menino. (VS) (OKPE ?/?PB)

b. (Na reunião), UM MENINO entrou/ apareceu. (SV) (#PE OKPB)

Nos contextos acima, é evidenciado que a posição preferencial para hospedar sujeitos definidos e indefinidos no PB é sempre a posição pré-verbal, recebendo estes um acento marcado como estratégia de último recurso em virtude de estarem na única posição permitida por sua sintaxe, a qual não está prevista pela estrutura informacional. No PE, diferentemente, DPs definidos e indefinidos devem ocupar a posição pós-verbal, sendo, portanto, os constituintes mais proeminentes, haja vista ser filtrada a ordem SV pela estrutura informacional, tal como acontece nos contextos de focalização do sujeito com verbos (in)transitivos. No entanto, sendo os DPs definidos e indefinidos pesados no PB, a posição legítima para hospedá-los é, em geral, a posição pós-verbal, sendo, portanto, agramatical ou marginal sua posição pré-verbal nas frases em (16):

(16) A: Quem entrou/apareceu na reunião?

B: a. (Na reunião), O garoto que foi o meu aluno entrou/ apareceu. (*PE *PB)

a'. (Na reunião), Entrou/Apareceu (na reunião) o garoto que foi o meu aluno. (OKPE OKPB)

- b. (Na reunião), Um garoto que foi o meu aluno entrou/apareceu. (*PE
*?PB)
- b'. (Na reunião), Entrou/Apareceu (na reunião) um garoto que foi o meu
aluno. (OKPE OKPB)

Em (16) tem-se um caso similar ao que acontece nas frases em (17) do inglês nas construções com *Heavy NP Shift*. Conforme verificado em (17a), sendo o DP pós-verbal leve, a frase é agramatical, ao passo que, sendo pesado, a agramaticalidade não mais existe (cf. (17b)):

(17)a. *I sent to Paris a letter.

b. I sent to Paris all the letters you asked me to.

(COSTA, 2004, p. 1)

Costa (Ibid., p. 2), com base nos dados do inglês acima, elabora uma hipótese para explicar a assimetria nos seguintes termos: a sintaxe dessa língua gera dois *outputs*: um correspondente à ordem com *Light NP Shift* e outro, à ordem com *Heavy NP Shift*. Como é fato que a componente fonológica requer que constituintes pesados fiquem ocupando uma posição deslocada à direita da frase no inglês, essa componente seleciona o segundo *output* como o que melhor satisfaz seus requerimentos, filtrando, portanto, o primeiro. Com base nessa hipótese, argumento que no PB a componente fonológica também atua como uma espécie de filtro sobre os dois *outputs* gerados pela sintaxe dessa língua nesses contextos: um correspondente a uma ordem com o DP leve e outro com o DP pesado (VS). Desses dois *outputs*, é filtrado pela componente fonológica o *output* que corresponde à ordem com o DP leve.

Vale referir também que em PE DPs pesados ocupam, em geral, a posição deslocada à direita, um requerimento imposto pela componente fonológica, conforme defendem Inkelas e Zec (2001).

Inkelas e Zec, ao trabalharem com a interface sintaxe-fonologia, assumem a existência de mais um nível de representação na gramática associado ao domínio prosódico denominado *Estrutura Prosódica (P-structure)*, onde se dá a interação entre sintaxe e fonologia: “P-structure mediates between the syntactic and the phonological modules, and

serves as the locus of their interaction.” (Ibid., p. 537). Nessa estrutura estão organizados hierarquicamente os seguintes constituintes¹³:

- (18) phonological word
 - phonological phrase
 - intonational phrase
 - utterance

(Ibid. p. 538)

As autoras observam que entre a estrutura-S (domínio sintático) e a estrutura-P (domínio prosódico) não há isomorfismo. Os constituintes são hierarquizados em cada estrutura, obedecendo às condições que são impostas por cada uma em particular. Analisando os dois primeiros constituintes prosódicos acima, elas verificam que um sintagma fonológico deve ser preferencialmente formado de, pelo menos, duas palavras fonológicas: [[]_ω []_ω]_Φ (sendo “_ω” correspondente à palavra fonológica, e “_Φ”, ao sintagma fonológico).

Sob a mesma perspectiva teórica assumida por Costa (2003, 2004) de que as condições de interface podem atuar como uma espécie de filtro sobre as derivações sintáticas, Inkelas e Zec (2001) assumem que, dependendo da ramificação do sintagma fonológico, *outputs* sintáticos podem ser filtrados na componente fonológica, como é o caso já mencionado das construções do inglês com o *Heavy NP Shift*. Segundo elas, esse NP deve conter, no mínimo, dois sintagmas fonológicos, caso contrário, a frase é agramatical (cf. (19b)):

- (19)a. Mark showed to John [[some letters]_Φ [from Paris]_Φ]_{NP}
- b. *Mark showed to John [[some letters]_Φ]_{NP}

As autoras assumem, à semelhança de Costa, que a sintaxe do inglês gera dois *outputs*: um correspondente à ordem com NP Shift movido e outro, à ordem com NP Shift não-movido, ficando a critério da componente fonológica excluir aquele que não satisfaz prosodicamente os seus fins.

Quanto ao PE, não são observados efeitos de peso: DPs definidos e indefinidos, sejam eles leves ou pesados, sempre ocupam a posição pós-verbal quando o sujeito é o foco

¹³ Para maiores detalhes sobre o funcionamento dessa estrutura, sugiro ao leitor consultar os trabalhos de Inkelas e Zec (2001) e Mateus et al. (2003).

informativa. Nessa acepção, a componente fonológica não atua como um filtro sobre os *outputs* gerados na sintaxe dessa língua, mas apenas a componente relacionada à estrutura informativa, que escolhe VS como o melhor *output* para hospedar os sujeitos focalizados, independentemente da definitude e do peso destes, os quais recebem o Acento Nuclear de frase por estarem na posição mais à direita na frase.

Em resumo, uma predição torna-se inevitável nos contextos em (16) do PB: o que é relevante para a posição pós-verbal dos DPs em perguntas com focalização do sujeito não é a sua definitude, mas o seu peso fonológico, sendo imprescindível a atuação da componente fonológica na seleção do *output* sintático que melhor satisfaça seus fins. Sendo o DP leve, o PB se comporta de forma similar ao inglês no sentido de que a posição legítima para hospedar esse DP é a posição pré-verbal seja este definido ou indefinido:

(20) Who left?

[John] [left].

F P

(CINQUE, 1993, p. 257)

(21) Who comes?

a. A man comes.

b. #There comes a man.

(COSTA; FIGUEIREDO SILVA, 2003, p. 15)

E ainda, assumindo que os DPs pré-verbais abaixo não estão deslocados à direita da frase, quando presentes em respostas a perguntas com focalização de toda a frase, não há motivação para assumir a existência de um pronome co-referente nulo ou preenchido na posição Spec, IP. Nesses casos em que a concordância morfológica visível entre esses DPs e a flexão verbal não é atestada (ex.: (Na reunião), Entrou/ Apareceu (na reunião) os/uns meninos. (OK PB OKPE coloquial)), defendo que a categoria vazia que ocupa essa posição é um *pro* expletivo com o qual o núcleo flexional concorda:

2.2 Verbos de mudança de estado que denotam eventos com causa interna

Centrando minha atenção na classe de verbos inacusativos que expressam mudança de estado que denotam eventos com causa interna, verifiquem-se os pares pergunta-resposta com focalização de toda a frase:

(22) A: O que é que aconteceu?

B: a. O João morreu/desmaiou (SV) (OKPE OKPB)

b. Morreu/Desmaiou o João. (VS) (OKPE OKPB)

(23) A: O que é que aconteceu?

B: a. Um menino morreu/desmaiou. (SV) (OKPE OKPB)

b. Morreu/Desmaiou um menino. (VS) (?PE ??PB)

De forma similar aos contextos de focalização de toda a frase com verbos de movimento e de aparição, há evidências empíricas que apontam que DPs definidos pós-verbais são legítimos nessa posição, caso estejam deslocados à direita. Nas *question-tags*, a seguir, é necessário um acento entoacional especial sobre o DP definido para que a frase seja gramatical¹⁴. Veja-se o contraste entre (24a) e (24b):

(24) a. Morreu/Desmaiou o João, não morreu/desmaiou? (*PE *PB)

b. Morreu/Desmaiou O JOÃO, não morreu/desmaiou? (OKPE OKPB)

c.. (Ele) Morreu/Desmaiou, não morreu/desmaiou?, o João. (OKPE OKPB)

d. (Ele) Morreu/Desmaiou, não morreu/desmaiou?, O JOÃO (OKPE, OKPB)

(25)a. (Ele) Morreu/Desmaiou, não morreu/desmaiou?, um menino. (??*PE
?/?/*PB)

b. (Ele) Morreu/Desmaiou, não morreu/desmaiou?, UM MENINO. (??*PE
?/*PB)

No que diz respeito às *question-tags* em (25), DPs indefinidos preferem não estar deslocados à direita, o que implica dizer que, ao estarem na posição à direita da frase, eles

¹⁴ Os verbos de mudança de estado relacionados àqueles de alternância causativa comportam-se de forma similar.

permanecem em sua posição de base. Em todo caso, a resposta mais natural no contexto não-marcado em questão, independentemente da definitude do DP, é SV. A análise sobre o porquê de os sujeitos indefinidos poderem ocupar ora a posição pré-verbal, ora a posição pós-verbal (sendo esta menos natural) parece residir no fato de que, não tendo os verbos de mudança de estado a capacidade de selecionarem um PP como complemento, ao contrário dos verbos de movimento e de aparição, o sujeito tende a ocupar a posição pré-verbal, como previsto pela estrutura informacional para os casos não-marcados. Estando esses sujeitos mais à direita da frase, eles correspondem aos constituintes mais encaixados, sobre os quais recai o Acento Nuclear de frase. Contudo, como é sabido, o *output* sintático que satisfaz a estrutura informacional no PB e no PE nesses casos é SV, estando o sujeito à esquerda da frase e sendo o verbo o constituinte mais proeminente.

Observe-se, agora, o que acontece nos contextos de focalização do sujeito seja definido (cf. (26)), seja indefinido (cf. (27)):

(26) A: Quem morreu/desmaiou?

B₁: a. Morreu/desmaiou o João. (VS) (OKPE #PB)

b. O JOÃO morreu/desmaiou. (SV) (*PE OKPB)

(27) A: Quem morreu/desmaiou?

B₁: a. Morreu/Desmaiou um menino. (VS) (OKPE ???PB)

b. UM MENINO morreu/desmaiou. (SV) (*PE OKPB)

Analisando os pares pergunta-resposta acima, há um comportamento simétrico com os pares pergunta-resposta construídos com verbos de movimento e de aparição: DPs definidos e indefinidos no PE ocupam obrigatoriamente a posição pós-verbal, ao passo que no PB a posição mais natural para hospedá-los é a posição pré-verbal. Nessa acepção, os DPs pós-verbais no PE recebem Acento Nuclear de frase, ao passo que no PB recebem acento marcado. No entanto, efeitos de peso também são observados no PB nos contextos construídos com verbos de mudança de estado que denotam eventos com causa interna: DPs definidos e indefinidos, quando pesados, devem ocupar a posição pós-verbal nos contextos de focalização do sujeito:

(28) A: Quem morreu/desmaiou?

B: a. Morreu/desmaiou um garoto que foi meu aluno.

b. *Um garoto que foi meu aluno morreu/desmaiou.

Face ao contraste acima, argumento que no PB a componente fonológica atua como uma espécie de seletor sobre os *outputs* gerados na sintaxe dessa língua, não sendo, contudo, atuante no PE em virtude de nessa língua DPs definidos e indefinidos ocuparem obrigatoriamente a posição pós-verbal em respostas a perguntas com focalização do sujeito, independentemente de seu peso fonológico. A razão da obrigatoriedade desses DPs em posição pós-verbal no PE está relacionada ao Parâmetro do Sujeito Nulo¹⁵: por ser uma língua prototipicamente pro-drop, há geração de dois *outputs* sintáticos: SV e VS, ficando a critério da estrutura informacional escolher o último *output* como o melhor que satisfaz sua restrição: sujeitos focalizados ocupam a posição mais à direita da frase. Embora a sintaxe do PB gere dois *outputs*, SV e VS nesses contextos, estes diferem dos do PE por questões relacionadas não ao Parâmetro do Sujeito Nulo, mas a efeitos de peso. Em outras palavras, o *output* SV corresponderia à ordem com o DP leve, ao passo que VS, à ordem com o DP pesado. Portanto, em um contexto em que o sujeito seja o foco informacional, sendo ele pesado, a componente fonológica filtra o *output* SV e escolhe VS.

2. Conclusão

Sendo a componente discursiva posterior à componente sintática e não havendo, dessa forma, condicionamento daquela sobre esta, não há motivação para se projetar na sintaxe uma categoria funcional associada a foco para onde os constituintes focalizados sejam movidos.

Conforme verificado nos contextos de focalização do sujeito, os sujeitos focalizados em PE ocupam a posição pós-verbal em decorrência de sua sintaxe gerar dois *outputs*: SV e VS, sendo o primeiro filtrado pós-sintaticamente pela estrutura informacional para satisfazer os seus fins; no PB, sendo gerada apenas a ordem SV na sintaxe, o sujeito focalizado recebe um acento marcado como estratégia de último recurso.

Em suma, diante da análise contrastiva desenvolvida ao longo deste artigo, assumo com Costa e Figueiredo Silva (2003) que a existência de uma categoria funcional associada a foco para hospedar constituintes focalizados, conforme defendem Hovarth (1995), Kiss

¹⁵ Para uma discussão sobre a ordem de palavras e o Parâmetro do Sujeito Nulo no PB e no PE, conferir Silva (2004).

(1995), Figueiredo Silva (1996), Coelho (2000), Belletti (2001) e Mioto (2003) torna-se desnecessária: “[...] the choice of syntactic outputs for codifying different types of information structures is made post-syntactically, which implies that there are no syntactic operations to serve discourse purposes.” (COSTA; FIGUEIREDO SILVA, 2003, p. 17).

Referências Bibliográficas

AMBAR, M. M. *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. 1992. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

AMORIN, L. G. D. O sistema da pontuação: o princípio da correlação pergunta-resposta. In: AMORIN, L. G. D. *Reflexões para uma filosofia da pontuação*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

BELLETTI, A. ‘Inversion’ as focalization. In: HULK, A.; POLLOCK, J. (Eds.). *Subject inversion in romance and the theory of universal grammar*. Oxford : Oxford University Press, 2001. p. 60-90.

CINQUE, G. A null theory of phase and compound stress. *Linguistic Inquiry*, v. 24, n. 2, p. 239-297. 1993.

COELHO, I. L. *A ordem VDP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COSTA, J. *Word Order Variation: A constraint-based approach*. Holanda : Holland Academic Graphics, 1998.

_____. Outputs sintáticos e interfaces. In: *Paper apresentado na Jornada de Linguística Comparada*, Lisboa. Dez. 2003. p. 1-2.

_____. Syntactic outputs and interfaces. *Paper presented in the 14th Colloquium on Generative Grammar*. Porto, April- 2004. p. 1-8

_____; FIGUEIREDO SILVA, M. C. On the (in)dependence relations between syntax and pragmatics. *Paper presented at GLOW Workshop on Information Structure in Generative Theory vs. Pragmatics*, University of Lund. 2003. p. 1-18.

DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. ver. aum. Lisboa : Caminho, 2003, p. 507-548.

ELISEU, A. M. G. S.. *Verbos ergativos do português: descrição e análise*. Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 1984. (Trabalho de síntese – Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica)

FARIAS, J. G. *Aspectos da sintaxe de preposições do português*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1996.

HORVATH, J. Structural focus, structural Case, and the notion of feature-assignment. In: KISS, K. (Org.). *Discourse configurational languages*. New York, Oxford : Oxford University Press, 1995. p. 28-64.

INKELAS, S.; ZEC, D. Syntax-phonology interface. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, Massachusetts : Blackwell Publishers Ltd., 2001. p. 535-549.

KATO, M. A. Word order change: the case of Brazilian Portuguese wh-questions. In: XI INTERNATIONAL CONGRESS OF HISTORICAL LINGUISTICS, 1993, Los Angeles, *Handout...*, Los Angeles, 1993.

KISS, K. (Org.). *Discourse configurational languages*. New York, Oxford : Oxford University Press, 1995.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. rev. aum. Lisboa : Caminho, 2003.

MIOTO, C. Foco e estrutura oracional. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2003, Rio de Janeiro. *Handout...*, Rio de Janeiro, 2003, p. 1-4.

RAPOSO, E. P.; URIAGEREKA, J. Long-distance case assignment. *Linguistic Inquiry*, v. 21, n. 4, p. 505-538, 1990.

SILVA, C. R. T. *A natureza de AGR e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*. [Tese de doutorado em Lingüística] – Universidade Federal de Alagoas, 2004.

ZUBIZARRETA, Maria Luisa. *Prosody, focus and word order*. Cambridge, Massachusetts, London : The MIT Press, 1998.